

quem teve a boa lembrança de m'o enviar, para ser reproduzido n-*O Archeologo Português*.

Da descripção parece concluir-se que a *Mesa dos Ladrões* é um dolmen. Como muitas outras vezes succedeu, a imaginação popular apoderou-se d'elle e revestiu-o de lendas e superstições; vid. factos semelhantes nas *Religiões da Lusitania*, I, 289.

A denominação de «Mesa» provém do aspecto geral do monumento. Muitas vezes emprega-se na lingoagem dos archeologos portuguezes esta expressão para se designar a tampa ou cobertura do dolmem, mas tal expressão em português é impropria (tradução do francês *table*).

A associação que aqui se nota do monumento com a festa do S. João e com os Mouros é commum a outros. A crença de que na pedra ficaram sempre manchas de sangue resultantes de um crime encontra-se tambem noutros pontos de Portugal.

J. L. DE V.

### Antiguidades romanas em Evora

#### O arco de D. Isabel e um trecho da cêrca velha

A muralha romana marca-se ainda hoje com segurança na cidade de Evora. Uma collina de grande base, formada de granito e schisto, tendo a poente o pequeno ribeiro da Torrejela, a sul e nascente, em larga curva, o Xarrama, que vae desaguar ao Sado, foi escolhida pelos povos antigos para moradia; e os romanos na coroa da collina, ergueram a sua muralha.

Não se trata porém aqui de caso parecido com a Citania de Briteiros, ou com S. Romão de Ceia: montes de escarpas abruptas, defendidos por torrentes em valles fundos. Aqui o horizonte é largo, a collina tem brandos declives excepto pelo lado oriental, os ribeiros passam a distancia; mas, todavia, é certo, Evora está entre duas ribeiras, talvez, antigamente, de importancia defensiva, hoje por areadas, sem importancia militar; ribeiras quasi sem agua, que no inverno nos pégos dão pardelhas, e no resto do anno só tem coelhos.

Da muralha romana ha restos sufficientes para se lhe marcar rigorosamente todo o circuito; pelas Alcarcovas de cima e de baixo, Salvador, e praça de Sertorio, arco de D. Isabel, muralha norte do templo romano, que é um grande trecho, palacio dos Bastos ou pateo de S. Miguel, ao angulo da rua do Collegio onde existiu a torre *mouchinha*, e agora pela Freiria de baixo, ao largo da Misericordia e á pequena igreja de S. Vicente onde começa a Alcarcova de baixo.

Em alguns pontos a construção romana, a grossa silharia, está embebida nas paredes de edificios mais modernos, em outros descobre-se; e existem grandes trechos magnificamente conservados.

Na *Historia do Exercito Portuguez*, do Sr. Christovão Ayres, I, 434, se encontra uma descripção da muralha romana, seguida de uma carta com o titulo «Trecho da planta da cidade de Evora indicando a muralha romana», onde em linhas vermelhas se declara bem a periphèria, com suas torres e panos de muro.

Era uma coroa, tomando a parte mais elevada da grande collina, num circuito de 1:080 metros.

As gravuras agora publicadas representam um lanço da muralha no palacio dos Bastos (pateo de S. Miguel); voltado a nascente; e o arco de D. Isabel, porta da muralha romana; que olha para o norte.

No lanço representado na gravura vê-se o *grande aparelho* classico; fiadas regulares de pedras quasi iguaes, umas mostrando o lado maior, outras o menor, travando na parede.

O lado maior d'esses silhares attinge  $1^m \times 0^m,6$ . O menor,  $0^m,6 \times 0^m,3$ .

A gravura representa um pano de muralha e uma torre; a parte romana fórma a base da construção como é facil de ver; sobre a obra romana ergueram na idade média e ainda no sec. XVI altas paredes mestras, do grande palacio onde tantos factos historicos se passaram nas *alterações* de 1637, no tempo de D. João IV!

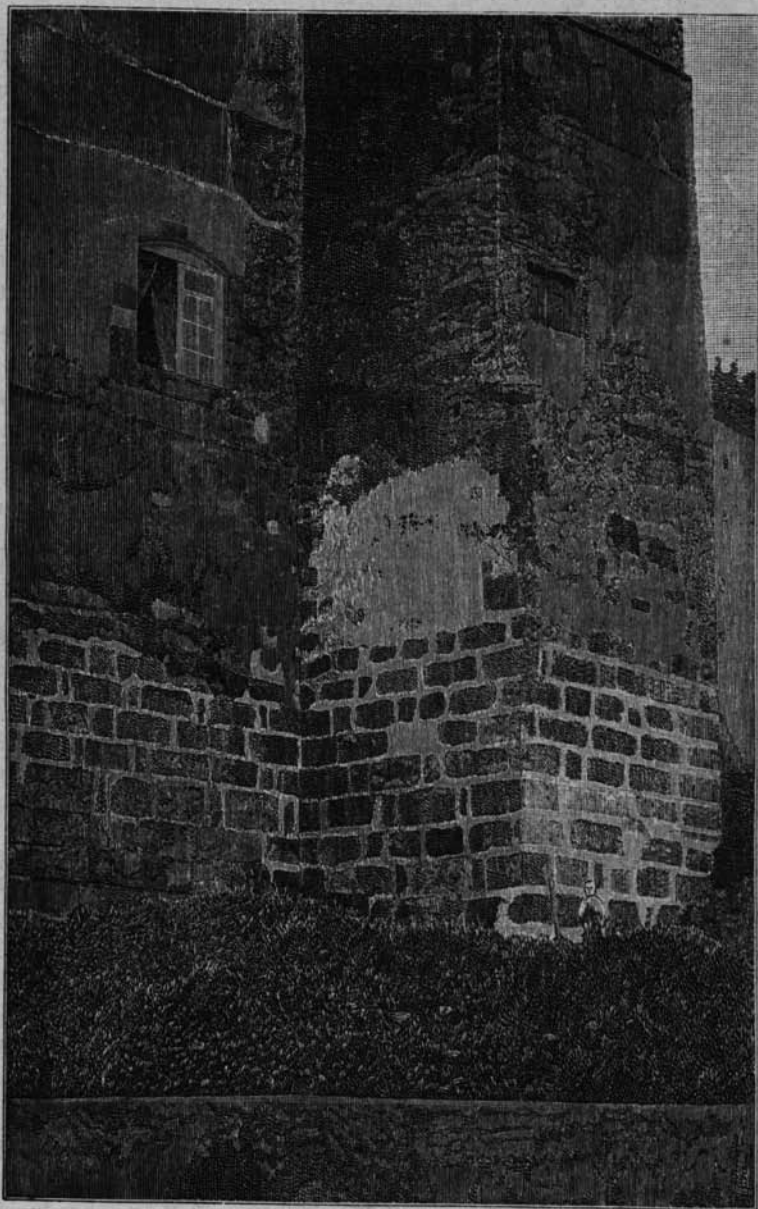
Em todo o lanço, ao nascente, da muralha se repetem as torres, de base quadrada, perfeitamente marcadas, embora algumas se achem agora, e de ha muito, embebidas em edificios particulares, nas dependencias do palacio Cadaval e Loyos, por exemplo.

Num destes fragmentos da muralha, para o lado dos Loyos, conserva-se a ultima fiada de silharia, completa, formada de pedras de iguaes dimensões.

O arco de D. Isabel tem 4 metros de vão, sendo a volta semi-circular formada por 18 silhares; todo de granito.

Os arcos das portas de Beja tambem eram semi-circulares, tendo no semi-circulo 17 ou 18 pedras. Isto não admira porque os romanos em tudo tinham regras que respeitavam. Mas as portas de Beja, a insigne Pax-Julia, eram mais artisticas, como se vê dos desenhos que publiquei no *Boletim* da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses (Museu do Carmo), 3.<sup>a</sup> serie, VII, n.º 2, e reproduzidos a p. 227 do vol. II, da *Historia do Exercito Portuguez*, do Sr. Christovão Ayres.

O arco de D. Isabel é muito sobrio, artisticamente, e está muito gasto pelo tempo.



A gravura representa o lado norte da porta: o plano em que está o homem do petroleo é já dentro da cêrca verna.

Este arco está também representado na citada *Historia do Exercito Portuguez*, a p. 435 do vol. I.

Ora as duas gravuras completam-se: vê-se o soterramento das pilastras, e na nossa estampa mostra-se parte da construcção com que



em tempos muito antigos reforçaram o arco. Digo isto porque a muralha perdeu toda a importancia militar na segunda parte do sec. XIV, quando se fez a *cêrca nova*. E, todavia, esse reforço deve ser muito mais moderno que o arco, porque quando o fizeram já as pilastras estavam mui soterradas. E o quanto está soterrado bem se avalia porque

as pilastras tem friso e cornija, á maneira de capitel, de simples trabalho, e agora mui gasto do tempo.

A gravura mostra, quanto possível, esses capiteis toscos e gastos pelos seculos, actualmente a pouco mais de metro de altura sobre o solo.

GABRIEL PEREIRA.

### S. Jusenda

Um notavel silencio havia alli, naquelle cerro denominado S. Jusenda, situado na confluencia de uma pequena ribeira da margem esquerda do Tuella, termo do Valle de Prados, freguesia de Murias, concelho de Mirandella, de que dista, para norte, cêrca de 12 kilometros em projecção. Sentiamos só ao percorrer aquelles restos de muralhas e habitações, destroços enormes de um grande passado, o rugido suave e monotono das aguas d'aquelle rio precipitando-se de uma baixa prêsa, que nos semelhava um gemido prolongado, uma lamentação, os ultimos sons de uma elegia que ellas entoavam ao passar por aquellas ruinas, e aquellas quebradas repercutiam em echos successivos. Nem o grito de alguma ave, o zumbido de algum insecto, nem o sussurro das brisas passando através do mato curto do carrasco e da esteva que cobre toda esta elevação, nem, finalmente, o ramalhar do arvoredó que orla as margens do Tuella, que a limita pelo poente, e das da ribeira que lhe corre a sul, se ouvia quando contemplavamos este quadro de destruição, do silencio e da morte! Que ainda o tornava mais magestoso a vista de altissimos rochedos, alguns suspensos no espaço pelos robustos braços da annosa hera, que formam a estreita entrada da ribeira no rio, dando-lhes aspecto soturno e sombrio, que fazia lembrar o averno portico descripto pelo sublime mantuano.

Em S. Jusenda houve em tempos um grande povoado, que a tradição diz fôra a cidade de Mismil, capital dos mouros, um *oppidum* ou cidade murada, cabeça, talvez, de uma vasta região; séde, porventura, de uma raça ou de um grande povo, que por aqui habitou, legando-nos apenas ao desaparecer, como recordação da sua passagem, esses restos de muros, esses fragmentos de telha de rebordo, de ceramica e de mós manuarias, e ainda outros que jazem, sem dúvida, escondidos nesses escombros, onde é possível que um dia appareçam monumentos que nos digam do seu nome e da sua historia. É uma estação archaica, cujo estudo muito ha-de esclarecer os primeiros tempos peninsulares, pois que pelos vestigios que se divisam á superficie se deprehende